# EDUCAÇÃO DOS FILHOS NOS LIVROS SAPIENCIAIS

Ludovico Garmus

O relacionamento entre pais e filhos e a educação dos filhos passaram por profundas mudanças nos últimos cinqüenta anos. No passado, a autoridade do pai e a presença da mãe no lar eram marcantes. As conquistas das mulheres no mercado de trabalho foram significativas nas últimas cinco décadas. Conseqüentemente, a presença da mãe no seio da família diminuiu, com certo prejuízo na educação das crianças. A influência dos pais na educação dos filhos foi bastante atenuada. A criança passa mais tempo na creche, na escola, na rua e, hoje, na internet. As influências múltiplas na formação da criança comprometem a autoridade dos pais. Além do mais, as famílias desfeitas com facilidade, afastam muitas vezes a figura do pai na educação dos filhos. Quase 20% das famílias, hoje, são dirigidas apenas pelas mulheres. O pai desaparece por causa das separações e do divórcio.

Mas também nas famílias estáveis os pais sentem dificuldade em educar seus filhos. Podem os pais castigar os filhos, impondo-lhes restrições e colocando limites ou devem deixar fazer sempre suas vontades e caprichos? A punição aos filhos significa falta de amor? Que tipo de ser humano se quer formar, para que tipo de sociedade, com que tipo de educação?[1]

Conscientes das preocupações dos pais na educação dos filhos, faremos um rápido exame sobre como era feita na educação dos filhos no Antigo Médio Oriente, entre os gregos e particularmente em Israel, com atenção especial nos livros sapienciais. Como era a família em Israel? Como eram educados os filhos? Qual o papel da escola? Quais eram as instâncias educativas e quais os métodos utilizados na educação? Com o nosso pequeno estudo esperamos poder contribuir pra a discussão da educação dos filhos em nossas famílias.

## 1. Família e filhos em Israel

Os documentos mais antigos atestam que a família israelita é claramente patriarcal[2]. É chamada "casa do pai" (*bet-'ab*) e é pela linha paterna que se definem as genealogias. O marido é, em geral, chamado "baal" de sua esposa, isto é, Senhor. A família se define pelos laços de sangue e pela moradia comum. Por isso, a família é uma "casa"; fundar uma família é "construir uma casa" (Ne 7,4).

1. Veja neste sentido PAGGI, Karina – GUARESCHI, Pedrinho A. *O desafio dos limites*. Enfoque psicossocial na educação dos filhos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004; GOMIDE, Paula Inez Cunha. *Pais presentes, pais ausentes*. Regras e limites. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

2. WRIGHT, C. J. H. Family. In: *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2. New York: Doubleday, 1992, p. 761-769; De VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Teológica, 2003, p. 41-86.



Em alguns textos do Antigo Testamento aparecem três níveis de parentesco. Assim no episódio do castigo de Acã, que violou a lei do extermínio, causando a derrota dos israelitas em Hai (Js 7,16-18), fala-se de tribo, clã e família. O sorteio indica a tribo de Judá como culpada. Dentro de Judá a sorte cai sobre o clã de Zaré. No clã de Zaré é indicada a família de Zabdi e por fim Acã, como o culpado de ter violado a lei do extermínio.

Era no terceiro nível de parentesco, o da família ou "casa do pai", que o israelita vivia o sentido de inclusão, identidade, proteção e responsabilidade. A "casa do pai" era a família extensa. Incluía o chefe da família, sua(s) mulher(es), os filhos e suas esposas, os netos e suas esposas, os filhos e filhas não casados. A família de Noé compreende a esposa, os filhos e as esposas dos filhos (Gn 7,1). A família de Jacó também inclui três gerações (Gn 46,8-27). Uma família extensa podia incluir também servos, residentes estrangeiros (*gerim*), viúvas e órfãos sob a proteção da família. Por isso, uma família extensa podia compor-se por 50 ou até 100 pessoas e ocupar várias casas, como a família de Micas (Jz 18,14.19.28s).

Esta situação se modifica mais tarde com o crescimento do número de cidades. Testemunhos arqueológicos mostram casas pequenas, que incluíam praticamente só os filhos. A partir do séc. VIII o chefe da família já não exerce sua autoridade ilimitada. O sentimento de solidariedade decresce e a pessoa se desliga cada vez mais do grupo familiar. Em contrapartida, o princípio da responsabilidade individual se solidifica (Dt 24,16; 2Rs 14,6; Jr 31,29-30; Ez 14,12-20; 18,10-20). Os profetas se vêm obrigados a defender a causa da viúva e do órfão, que perdem a proteção da família extensa, com o enfraquecimento dos laços de solidariedade (Is 1,17; Jr 7,6; 22,3; Ez 22,7).

Embora fosse permitida a poligamia, o casamento monogâmico era o estado mais freqüente na família israelita (cf. Pr 5,15-19; Ecl 9,9; Eclo 26,1-4; Pr 31,10-31). No livro de Tobias, Tobit e Tobias atestam um casamento monógamo com suas esposas. Nos profetas a imagem do simbolismo matrimonial também indica um casamento monógamo, no qual Israel é esposa única do Deus único (cf. Os 2,4-25; Jr 2,2; Is 50,1; 54,6s; 62,42; Ez 16). Em Jr 3,6-11 e Ez 23 aparecem duas esposas, Samaria e Jerusalém, para adaptar a imagem à situação histórica posterior ao cisma político.

Os filhos eram vistos como uma dádiva de Deus (Gn 30,1-2; Is 54,1); são uma bênção de Deus: "Eu te abençoarei e tornarei tão numerosa tua descendência como as estrelas do céu e as areias da praia do mar" (Gn 22,17; 26,4; 24,60; Sl 113,4; 144,12s). A esterilidade é uma desgraça e traz humilhação para a mãe (Gn 16,2-5; 30,1-24; 1Sm 1,1-28), mas ter muitos filhos traz alegria (Sl 128; 113,9), honra e segurança para os pais (Sl 127,3-5). Maior, porém, era a alegria quando os descendentes eram masculinos (1Sm 4,20; Jr 20,15; Gn 30,1-2). O filho primogênito tinha privilégios[3]. Na divisão da herança, após a morte do pai, costumava ganhar o dobro dos outros filhos e se tornava o chefe da família. Mas o pai podia ter as suas preferências, como aconteceu

3. *Grande Enciclopédia ilustrata della Bibbia*. Vol. I, 527-528.

*3.2. A tarefa educativa dos pais complementada pela comunidade litúrgica*

Cabia sobretudo ao pai a tarefa de preservar estes valores da tradição. Ele devia educar o menino nas prescrições divinas, recebidas dos antepassados e nas tradições religiosas e nacionais. Por ordem divina devia ensinar aos filhos o temor do Senhor, para que observassem a lei como um dever familiar e condição para continuar na posse da terra (Dt 6,7; 11,19; 32,46s). Devia ensinar aos meninos as recordações que conservavam a memória do êxodo libertador do Egito (Ex 10,2; 13,8). Por ocasião da celebração da Páscoa devia, como um catequista, explicar aos filhos os eventos salvíficos do passado: "Quando os filhos vos perguntarem: 'Que significa isto?' respondereis: 'É o sacrifício da Páscoa do Senhor, que passou pelas casas dos israelitas no Egito, quando feriu os egípcios e salvou nossas casas'" (Ex 12,26s; cf. Js 4,6s.21-23; Dt 4,9; 6,20-24). O pai devia explicar-lhes, ainda, o sentido do resgate dos primogênitos (Ex 13,14s; 34,19-20).

A memória religiosa era, portanto, mantida pelos pais: "Lembra-te dos tempos antigos, considera os anos de cada geração. Pergunta a teu pai e ele te ensinará, a teus avós e eles te dirão" (Dt 32,7). Esta mesma missão dos pais era transmitida aos filhos: "O que ouvimos e aprendemos, o que os pais nos contaram, não ocultaremos aos descendentes, mas o transmitiremos à geração seguinte: os feitos gloriosos do Senhor, seu poder e as maravilhas que fez. Ele... mandou a nossos pais que as ensinassem aos filhos, para que a geração seguinte as aprendesse; os filhos que haviam de nascer, quando crescidos, as transmitissem aos próprios filhos" (Sl 78,3-6).

Além das celebrações feitas em casa, o menino podia acompanhar seus pais nas peregrinações aos santuários (cf. 1Sm 1,24) e mais tarde, ao templo de Jerusalém (Dt 16,16). Ao lado dos sacrifícios, a peregrinação era uma ocasião importante para o ensino e a oração durante as celebrações. Nestas ocasiões o adolescente assistia às cerimônias do Templo, presenciava contratos comerciais, escutava as decisões dos anciãos em questões controversas[11]. Na Festa das Tendas fazia-se a leitura pública da Lei para que "o povo, homens, mulheres e crianças... ouçam e aprendam a temer o Senhor vosso Deus" (Dt 31,12). As celebrações periódicas, como a da lua nova e do sábado (2Rs 4,23; Gn 2,2-3; Ex 16,26; 20,10; 31,15-17; Dt 5,14) eram também um meio pedagógico eficiente para desenvolver o sentimento religioso e nacional. Neste sentido, os Salmos exerciam um papel importante, de modo especial os Salmos que meditam a história passada de Israel e suas instituições fundacionais, como a Lei (Sl 78,1-3).

No contexto litúrgico, o ensino se dava pelo ouvir, pela repetição, que leva à memorização, e pelo canto. "Os cânticos, as narrativas que exaltam a ação divina, as leis e as palavras proféticas educaram o povo da antiga aliança como jamais aconteceu na história em outro lugar"[12].

**11.** Veja "Educazione", *Enciclopedia della Bibbia*, vol. 2, p. 1135.

**12.** Veja paidéia em *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. IX, p. 128.



## 4. As escolas

*4.1. Educação e escolas no Antigo Oriente*[13]

No Egito havia escolas de escribas, onde se ensinavam as ciências da natureza, a geografia e a redação, além da teologia e a medicina para os que se destinavam ao sacerdócio. Uma educação menos especializada ensinava a ler a escrever.

Na Mesopotâmia também existiam escolas de escribas desde 2500 aC. Ali os alunos aprendiam a copiar antigas obras literárias para depois estudá-las. A educação não era obrigatória, mas, um privilégio da classe mais alta da cidade. Os privilegiados aprendiam matemática, geografia, ciências naturais, vocabulário, gramática, epopéias e mitos. A finalidade primeira de tal educação era formar escribas para os templos, palácios e centros administrativos.

Na Grécia a educação era do tipo mais humanístico[14]. A criança é comparada a um terreno pronto para receber a semente; o pedagogo e suas palavras, admoestações e ensinamentos são a semente. Segundo Platão, a educação (*paidéia*) tem como finalidade fazer odiar o que é detestável e amar o que é amável. Para Aristóteles a educação tem como meta formar o homem bom. Buscava-se a disciplina, o desenvolvimento harmonioso da pessoa, tanto físico como moral e espiritual. Não havia preocupação com o aspecto religioso. Visava-se capacitar os alunos a resolverem os problemas de relacionamento com o mundo e com as pessoas. A educação incluía também o atletismo, a dança e a música. Entre os gregos, a instituição básica de ensino para formar bons cidadãos era o ginásio. A menina, porém, recebia a educação apenas no âmbito familiar. Antes de entrar no ginásio, até os sete anos o menino ficava aos cuidados da mãe. Depois, até os 15 anos, freqüentava a escola elementar, dirigida por homens, onde recebia os primeiros ensinamentos de cultura prática. Sendo de família rica, passava depois para o ginásio, onde permanecia até os 18 anos. Após o ginásio, em geral, seguiam-se dois anos de serviço militar, chamado "efebia". Só depois disso o jovem se tornava cidadão pleno. Mais tarde, este serviço militar foi transformado numa espécie de estudo superior, reservado para a classe aristocrática.

*4.2. Escolas em Israel*

Discute-se sobre a existência ou não de escolas no Israel do período monárquico[15]. Embora a capacidade de escrever não fosse de domínio geral (Is 29,11), era bastante comum (cf. Dt 27,2-8; Js 18,4.8-9). Para alguns, até o início do período helenístico não havia escolas no sentido que hoje lhes damos. Mas admite-se a existência de lugares, fora da família, onde os meninos recebiam instrução nos ofícios e nas artes[16]. Sobretudo os sacerdotes, os levitas, os profetas os sábios e escribas devem ter recebido

**13.** Veja o verbete "Educazione" na *Enciclopedia della Bibbia*. Torino: Elle Di Ci, vol. 2, 1969, 1129-1137.

**14.** *Enciclopedia della Bibbia*, vol. 2, p. 1133. Veja também paidéia, em *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. IX, p. 111-123.

**15.** Para esta questão veja-se LEMAIRE, André. *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2, p. 308-309.

**16.** Cf. Educazione, *Enciclopedia della Bibbia*, vol. 2, p. 1135.

formação especial (1Sm 2,21-26; 2Rs 12,3). O termo "escola" (*bet-midras*) aparece somente em Eclo 51,23. Mas a existência de escolas no Egito e na Mesopotâmia, já no terceiro milênio aC, bem como recentes descobertas de exercícios escolares, leva a admitir a existência de escolas também em Israel e Judá durante o período do primeiro templo. De fato, os israelitas herdaram o conhecimento da escrita dos pequenos reinos cananeus do final do período do Bronze recente (1550-1200 aC). As tradições culturais de Israel, nos sécs. 12 e 11 aC, eram transmitidas sobretudo oralmente, junto aos santuários de Silo, Siquém, Guigal Betel e Hebron. A história de Samuel o apresenta como um aprendiz junto ao sacerdote Eli, no santuário de Silo, onde recebe formação de caráter cultual. Mais tarde, especialmente no tempo de Salomão e de Ezequias, devido à administração mais desenvolvida, organiza-se uma escola palaciana para formar os funcionários da corte, seguindo o modelo Egípcio (1Rs 9,17; 11,1); há alusões neste sentido na tradição sapiencial (cf. Pr 22,17; 24,23; 25,1). Entre outras coisas, davam-se noções de história e geografia, ensinava-se a ler e escrever, a fazer cálculos e a administrar. Segundo alguns autores, o ensino em Israel seria menos elitista e mais democratizado do que nos grandes impérios[17].

No Templo, além da leitura e da escrita, dava-se uma formação mais específica voltada para o culto, como o canto, a música, os ritos, as festas, o calendário e as tradições religiosas nacionais.

Evidências arqueológicas epigráficas e textos de profetas, como Amós, Oséias, Isaías e Miquéias mostram que no séc. VIII houve um desenvolvimento importante no uso da escrita no Israel antigo[18]. Tal evolução está relacionada com a criação de novas escolas. Levitas e sacerdotes percorrem as cidades de Judá para instruir o povo na Lei (cf. 2Cr 17,7-9). Palavras da Lei são escritas pelo povo nos umbrais das casas e nos portões da cidade (cf. Dt 6,9; 11,20). Em geral os exilados para a Babilônia, em 597 e 587, eram letrados e provavelmente sabiam o aramaico, língua já conhecida antes por membros da corte (cf. 2Rs 18,26). Tal conhecimento permitiu que exilados de Judá alcançassem altos postos na administração babilônica e mais tarde persa. Filhos de exilados podem ter sido educados nas escolas reais da Babilônia (cf. Dn 1,3-5), conquistando posições de destaque, como Sasabassar (Esd 1,8-11), Zorobabel (Esd 2,2), Neemias (Ne 1,1s) e Esdras (Esd 7,12-26). No período persa, os funcionários locais judeus na Judéia escreviam em aramaico, ficando o hebraico reservado mais para o culto em Jerusalém. No período helenístico, apesar da revolta dos Macabeus, a língua e cultura grega penetraram profundamente na educação judaica. Neste período, porém, os livros do Eclesiastes e do Eclesiástico são exemplos que ainda indicam o ensino em língua hebraica em Jerusalém. No início da era cristã as escolas parecem ser uma instituição bem atestada na sociedade judaica.

17. LÍNDEZ, José Vílchez. *Sabedoria e sábios em Israel*. Col. Bíblica Loyola, 25. São Paulo: Ed. Loyola, 1999. p. 33.

18. As atuais evidências arqueológicas mostram que o Reino de Israel torna-se um Estado bem organizado somente no final do séc. IX, atingindo sua prosperidade máxima sob Jeroboão II (782-753). Isso inclui, além da administração burocrática, de uma produção econômica especializada e de um exército profissional, também um nível mínimo de alfabetização. Em Judá tal processo começa a acontecer somente no final do séc. VIII (cf. FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Ascher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 291-335).



Alguns profetas, como Isaías e possivelmente Sofonias podem ter freqüentado a escola da corte ou uma escola sacerdotal, como Ezequiel, Jeremias e talvez Malaquias[19]. As histórias sobre os "filhos/discípulos dos profetas" atestam a existência de discipulado no movimento profético. Abdias, funcionário do rei Acab, diz ao profeta Elias que protegeu dois grupos de cinqüenta destes profetas numa caverna (1Rs 18,13). Há "filhos de profetas" em Betel e Jericó, discípulos de Elias e mais tarde de Eliseu (2Rs 2,1-19). A construção de uma "moradia" sugere a preparação de um lugar para sentar-se diante de Eliseu, o "pai" destes "filhos de profeta" (2Rs 6,1-2). Sentar-se diante de alguém é a atitude típica do discípulo que ouve o mestre (cf. 2Rs 4,38; Ez 8,1; 14,1; 20,1).

De fato, no antigo Médio Oriente a relação do professor com o aluno e do mestre com o discípulo são expressas metaforicamente em termos da relação "pai" e "filho"[20]. Portanto, nem sempre quando se fala da relação "pai" e "filho" temos uma relação biológica. Pode tratar-se simplesmente da relação "mestre" e "discípulo" (Pr 1,10.15; 2,1; 3,1.11.21, etc). Embora os pais sejam os primeiros responsáveis pela educação geral dos filhos, a maioria das referências ao "pai" nos livros sapienciais, como Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico seriam um modo de se referir ao mestre. É o que acontece também na relação profeta/discípulo (cf. 1Sm 10,4-6; 19,18-24; 2Rs 2,12.21; 13,14). A relação mestre/discípulo supõe a existência de uma espécie de escola de sabedoria. Além do dever de honrar seu mestre, discípulo (ou os seus pais) devia pagar ou compensar de alguma forma os serviços do mestre. Tal costume já era conhecido na cultura Cananéia. Uma argileta encontrada em Siquém (cerca de 1400 aC) mostra como um mestre se queixa com o pai do aluno por não ter recebido o pagamento pelas aulas ministradas[21]. Os alunos eram chamados "filhos", como no livro dos Provérbios, onde também o sábio (pai) se dirige ao seu discípulo como ao "filho".

A insistência do Deuteronômio em se fazerem doações aos levitas, encarregados do ensino nas aldeias, pode ser vista como "pagamento" (cf. Dt 12,12.19; 14,27; 16,14; 26,11-13). A exortação do livro dos Provérbios em "adquirir" a sabedoria poderia estar ligada ao costume de se pagar os serviços do mestre (Pr 4,7; 16,16; cf. 3,14; 8,10; Eclo 51,28). Em nossos termos, trata-se de "investir" na própria formação.

### *4.4. Métodos de educação e ensino*

O método de ensino em Israel era semelhante ao de outros países do Antigo Médio Oriente, com ênfase na exortação, na repetição e no uso da vara[22]. A repetição oral levava a memorizar, decorando ou a escrevendo "na tábua do coração" (Pr 3,3) textos inteiros. Esse é também o significado de nosso termo "decorar", que vem da preposi-

19. LEMAIRE, André. Education (Israel). *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2, p. 210.

20. LEMAIRE, André. Education (Israel). *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2, p. 211.

21. Em vez de tabuleta de barro preferimos usar o termo "argileta", de argila. Sobre o costume de pagar as aulas do mestre confira a nota n. 1.

22. LEMAIRE, André. Education (Israel). *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2, 309.

ção latina *de* + substantivo latino *cor, cordis* coração, sede da afetividade, da inteligência e da memória[23].

A este método da repetição se refere provavelmente o famoso texto de Dt 6,6-7: "E trarás no teu coração estas palavras que hoje te ordeno. Tu as repetirás muitas vezes a teus filhos e delas falarás quando estiveres sentado e casa ou andando pelos caminhos, quando te deitares ou te levantares". Os provérbios numéricos fazem parte das técnicas de memorização (Pr 6,16; 30,15.18.21.29; Eclo 23,16; 25,7; 26,5.28; 50,25; cf. So 62,12; Jó 5,19).

Para o filho/discípulo poderem repetir e memorizar os conselhos e ensinamentos do pai ou do mestre, devia aprender a ouvir. Filho sábio é aquele que escuta os ensinamentos dos pais e os guarda no "coração" (Pr 1,8; 4,1-6.10.20; 5,1.7; 7,24; 8,1; 23,19). A importância do "ouvir" no ensino sapiencial e na educação antiga é bem descrita no ensinamento de Ptahotep, vizir do templo do rei Isesi (V dinastia, cerca de 2.600 aC):

> "Para um filho que ouve, é útil ouvir.
> Quando o ouvir entra naquele que ouve,
> Aquele que ouve se torna alguém que é bom ouvir.
> Quando ouvir é bom, é bom falar.
> Ouvir é dominar o útil.
> Ouvir é útil para quem ouve,
> Ouvir é mais belo do que quer que seja:
> Dele nasce um belo amor.
> Como é belo um filho que ouve o que diz seu pai...
> Quem ouve é amado por Deus;
> Mas aquele que não sabe ouvir é detestado por Deus"[24].

Como acontece hoje, também naqueles tempos a experiência das famílias mostrava que o sucesso na educação dos filhos nem sempre estava garantido. A falha na educação se deve a dois fatores: os filhos podem ter dificuldade em escutar os conselhos dos pais e estes podem estar se omitindo na obrigação de educar os filhos. Na Bíblia, até mesmo sacerdotes e juízes podiam fracassar na educação dos filhos. Denuncia-se, por exemplo, a corrupção dos filhos do sacerdote Eli no exercício de seu ministério (1Sm 2,12-17). Os filhos do juiz Samuel são acusados irem atrás do lucro, aceitando suborno (2Sm 8,1-3). O próprio Davi falhou na educação de seus filhos. Embora irritado com o crime de estupro de Amon contra sua meia-irmã Tamar, Davi não o repreendeu porque não queria "magoar o seu filho", por ser seu primogênito (2Sm 13,21). Da mesma forma, para não magoar seu filho Adonias, Davi "nunca perguntava em sua vida porque ele agia assim" (1Rs 1,6).

Pensava-se naqueles tempos que o rigor na educação dos filhos podia ter efeitos positivos e evitar males maiores. Por isso, como nos países vizinhos[25], os métodos de

23. Veja *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.*

24. BARUCQ, A. et alii. *Escritos do Oriente Antigo e fontes bíblicas.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1986, p. 81.

25. LEMAIRE, André. Education (Israel). *The Anchor Bible Dictionary,* vol. 2, p. 310.



educação dos filhos não se reduziam à simples memorização e exortação. O uso da vara é considerado um método salutar e até um modo de mostrar amor. O rigor disciplinar não era visto como incompatível com o amor pelos filhos: "Quem poupa a vara odeia seu filho, mas quem o ama corrige-o desde cedo" (Pr 13,24; 22,15; 29,15.17; cf. Dt 8,5; Eclo 30,1). "Não deixes de corrigir a criança, mesmo se lhe bateres com a vara não morrerá. Antes, batendo-lhe com a vara, salvarás sua vida da morada dos mortos" (Pr 23,13-14). Deus também procede da mesma forma conosco (Pr 3,12; cf. 8,5; 2Sm 7,14), como já fez com o seu povo ao educá-lo na vida dura do deserto (Dt 8,5-6). Mas aconselha-se ao pai que use da vara com moderação: "Corrige teu filho enquanto há esperança, porém não te exaltes até matá-lo" (Pr 19,18; cf. Ef 6,4). Trata-se de castigo salutar e não de vingança. Era a forma como se punham limites e restrições para os filhos.

Para o filho rebelde, devasso e beberrão, que, mesmo castigado continua desobedecendo aos pais, a lei prevê que seja levado aos anciãos, diante de portão da cidade, e estes o apedrejarão (Dt 21,18-21). Limita-se assim o poder dos pais sobre a vida do filho, pois é a comunidade que assume e execução, e somente em casos extremos de grave perturbação da ordem e economia familiares. Pr 30,17 deixa tal punição ao encargo da natureza: "O olho que zomba do pai e despreza a obediência à mãe, que os urubus do arroio o esgravatem, e devorem-no os filhotes da águia".

Um texto sapiencial do séc. II aC exemplifica bem o rigor do método de educação de meninos, hoje considerado exagerado:

"Quem ama seu filho usa com freqüência a vara, para poder mais tarde alegrar-se com ele. Quem educa bem o seu filho, fica satisfeito com ele e dele se orgulhará entre os conhecidos. Quem instruiu seu filho causa inveja ao inimigo e, diante dos amigos, se alegrará por causa dele... Quem trata com moleza o filho deverá curar-lhe as feridas e, a todo gemido, suas entranhas estremecerão. Um cavalo não domado torna-se recalcitrante; um filho indisciplinado torna-se atrevido. Mima teu filho, e te dará surpresas desagradáveis; brinca com ele, e te causará tristeza. Não rias com ele, para não teres de chorar com ele e não venhas, por fim, a ranger os dentes. Não lhe dês liberdade na juventude nem feches os olhos a seus erros. Dobra-lhe o pescoço enquanto é jovem e bate-lhe nas costas enquanto criança; para que, obstinado, não te desobedeça, e não se torne uma tortura para teu coração. Educa teu ilho e dedica-te a ele para que não tropeces na sua depravação" (Eclo 30,1-3.7-13).

Um meio essencial de educação é mostrar aos filhos a conseqüência de seus atos, como se vê em alguns provérbios. O filho insensato pode perder a herança paterna em favor de um escravo (Pr 17,2; 30,33) e a oportunidade de se tornar um sábio (19,27). Amaldiçoar pai e mãe traz a desgraça de não gerar descendentes: "Quem amaldiçoa seu pai e sua mãe verá sua lâmpada apagar-se nas trevas" (20,20; cf. 19,26; 30,11; Ex 20,12; 21,17; Lv 20,9; Mt 15,4). O filho comilão e beberrão está fadado a empobrecer (23,19-21). Por outro lado, escutar os ensinamentos do pai e da mãe resultará em honra para o filho (Pr 1,8), vida longa e prosperidade (3,1-2; 4,10), crescimento no temor e conhecimento de Deus (2,1-5). Ter educado um filho sábio é, para um pai, a melhor resposta para quem o ultraja (27,11).

## 5. Educação no Livro dos Provérbios

Já citamos diversas passagens do Livro dos Provérbios referentes à educação dos filhos. Agora examinaremos outras citações sobre a educação.

A coleção mais recente do livro dos Provérbios (1,1–9,18), literariamente, se apresenta como instruções dos pais aos filhos. O "pai" fala, em 1ª pessoa ao seu "filho", reforçando a ideologia do etos familiar. Manipula o discurso do adversário e apela para autoridade divina ou à lei, lembrando sua experiência: ele também já foi criança (cf. 5,1). O leitor é convidado a assumir o papel de "filho" e escolher entre os valores que preservam a sociedade a as ações que comprometem a estabilidade familiar[26]. Deve evitar, sobretudo, duas tentações: a busca de riquezas com meios criminosos e a sedução para os prazeres sensuais ilícitos.

Embora a voz da mãe seja mencionada, sua presença silenciosa confirma as advertências do pai em relação à "mulher estranha" ou adúltera (Pr 1,8; 5,1.20; 6,20 – 7,27). A própria sabedoria se apresenta como mulher profetisa para reforçar as palavras do "pai", contrapondo-as aos convites da "mulher estranha".

O texto de Pr 1–9 é subdividido em dez discursos, introduzidos pela fórmula "meu filho" (1,18-19; 2,1-22; 3,1-12; 3,21-35; 4,1-9; 4,20-27; 5,1-23; 6,20-35; 7,1-27), que afirmam a autoridade do pai/mestre. Nas outras partes do livro dos Provérbios a fórmula é menos freqüente (19,27; 23,15.19.26; 24,13-14.21; 27,11; 31,2). Nestes textos o pai se dirige ao filho em 2ª pessoa, exortando-o a buscar a sabedoria. Seguindo os conselhos, o filho será feliz e trará alegria e felicidade a seu pai (23,15). Seguir os conselhos do pai é tão gostoso como comer mel: "Meu filho, come mel porque é bom, e o favo é doce ao paladar. Fica sabendo que assim é a sabedoria para tua vida; se a alcanças, terás futuro, e tua esperança não será frustrada" (Pr 24,13-14).

### *5.1. Provérbios para refletir sobre os deveres dos pais para com os filhos*

Apresentamos uma lista dos provérbios mais importantes que ajudam a refletir sobre os deveres dos pais na educação dos filhos:

- 17,2: "O escravo competente dominará o filho depravado e terá parte na herança com os irmãos".
- 17,6: "A coroa dos anciãos são os netos, e a glória dos filhos são os pais" (Sl 128,3.6; Eclo 3,10-11).
- 17,25: "Um filho insensato é desgosto para o pai e amargura para aquela que o gerou" (10,1; 19,13; 29,15).
- 20,7: "Quem caminha na integridade é justo, felizes serão seus filhos depois dele" (10,1; 29,15).

26. Veja o verbete Book of Proverbs. *The Anchor Bibel Dictionary*, vol. 5, p. 513-520.



- 22,15: "A insensatez apega-se ao coração da criança: a vara da disciplina a afastará dela" (cf. 10,1; 13,24; 29,15).
- 23,13-14: "Não deixes de corrigir a criança, mesmo se bateres com a vara não morrerá. Antes, batendo-lhe com a vara, salvarás sua vida da morada dos mortos" (13,24; 19,18; 29,15.17).
- 29,15: "Vara e disciplina dão sabedoria, mas o jovem abandonado a si mesmo envergonha sua mãe" (10,1; 22,15; 13,24).
- 29,17: "Corrige teu filho, e ele te dará descanso, dando prazer à tua vida" (13,24; 19,18).
- 22,6: "Habitua o menino no caminho a seguir e, mesmo velho, não se afastará dele" (cf. Eclo 6,18).
- Eclo 22,3-8: "É vergonha para o pai ter um filho mal-educado; se for uma filha, é para a sua ruína. Filha prudente achará marido, filha desavergonhada será o desgosto do pai. A descarada envergonha pai e marido e por ambos será desprezada. Advertência inoportuna é como música em velório, mas varas e disciplina são sempre sabedoria. Filhos educados numa vida honesta encobrem a origem humilde de seus pais. Filhos insolentes e mal-educados desonram a nobreza de sua família".

O sábio desaconselha ao pai distribuir prematuramente a herança aos filhos para não perder seu poder e autoridade sobre eles (Eclo 33,20-24).

### *5.2. Provérbios para refletir sobre os deveres dos filhos em relação aos pais*

Além das exortações do "pai" em Pr 1–9 dirigidas ao "filho", acima examinadas, citamos alguns provérbios mais dirigidos aos filhos. Os provérbios sobre o filho sábio, por exemplo, são um convite à reflexão e à busca da sabedoria:

- Pr 10,1: "O filho sábio é alegria de seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe" (cf. Pr 15,20; 17,25; 19,13; 29,15).
- 13,1: "O filho sábio aceita a correção do pai, mas o insolente não escuta a repreensão".
- Pr 10,1: "O filho sábio é alegria de seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe" (cf. Pr 15,20;17,25; 19,13; 23,22; 29,15; 30,17).
- 13,1: "O filho sábio aceita a correção do pai, mas o insolente não escuta a repreensão".
- 20,20: "Quem amaldiçoa seu pai e sua mãe verá sua lâmpada apagar-se nas trevas" (cf. 19,26; 30,11; Ex 20,12; 21,17; Lv 20,9; Mt 15,4).
- 28,7: "Quem guarda a lei é filho inteligente, mas quem freqüenta prostitutas dissipa seus bens" (10,1; 5,10; 6,26; 29,3; cf. Eclo 9,6; Lc 15,13.30).



BIBLIOTECA

Seguir os conselhos do pai/mestre traz vida e segurança ao filho/discípulo: "Escutai, filhos, a instrução paterna, atendei para aprender a inteligência: pois vos transmito uma boa doutrina, não abandoneis meus ensinamentos! Também eu fui filho de meu pai, amado ternamente por minha mãe. Ele me ensinava e dizia: "Conserva minhas palavras em teu coração, guarda meus preceitos e viverás! Adquire a sabedoria, adquire a inteligência, e não esqueças nem te desvies das palavras de minha boca! Não a abandones e ela te guardará: ama-a, e ela te protegerá" (Pr 4,1-6).

– 19,26: "Quem maltrata o pai e expulsa a mãe é filho indigno e infame" (Pr 20,20; 23,22; 30,17; Ex 21,17).

– Pr 23,22: "Escuta o pai que te gerou e não desprezes tua mãe, quando envelhecida... O pai de um justo exultará de alegria, quem gerou um sábio se alegrará. Alegrem-se teu pai e tua mãe, e exulte aquela que te deu à luz" (Pr 23,22.24-25; cf. Pr 10,1; 15,20; Eclo 3,1-16).

– 28,7: "Quem guarda a lei é filho inteligente, mas quem anda em más companhias desonra seu pai" (23,19-22).

– 28,24: "Quem furta de seu pai e de sua mãe e diz: 'Não é pecado!', é cúmplice de bandidos" (19,26; 20,20; 30,11.17; Mc 7,11-13).

– 29,3: "Quem ama a sabedoria alegra seu pai, mas quem freqüenta prostitutas dissipa seus bens" (10,1; 5,10; 6,26; Eclo 9,6; Lc 15,13.30).

– Eclo 7,27-28: "Honra teu pai de todo o coração, e não esqueças as dores de parto de tua mãe. Lembra-te de que por eles foste gerado: o que lhes poderás dar por tudo que te deram?"

– Pr 30,17: "O olho que zomba do pai e despreza a obediência à mãe, que os urubus do arroio o esgravatem, e devorem-no os filhotes da águia".

## Conclusão

Os textos da Bíblia que trouxemos para a reflexão podem sem dúvida contribuir para uma discussão e revisão de alguns métodos de educação utilizados na família e na escola. Hoje temos maior conhecimento da psicologia, da pedagogia e de escolas pedagógicas que, certamente, em muito contribuem para dar segurança aos pais na educação dos filhos. Os métodos punitivos utilizados no passado na educação hoje não são mais accitáveis. Mas eles eram vistos não como vingança dos pais sobre os filhos que cometiam algum erro e sim como um modo severo de demonstrar amor. Visavam salvaguardar a autoridade dos pais, impondo restrições e limites ao comportamento rebelde dos filhos. Visavam não apenas dar instrução aos filhos mas serviam para moldar o caráter dos filhos, preparando-os para assumir a vida com responsabilidade, no campo religioso e civil. Há, sem dúvida um imenso tesouro acumulado pela sabedoria e experiência educativa dos povos antigos, presente nas Sagradas Escrituras. É preciso examinar tudo, discernindo que pode ser válido ainda hoje, e fazer "como o pai de família, que tira de seu baú coisas novas e velhas" (Mt 13,52). É preciso crer que toda a



Escritura tem um caráter pedagógico e continua sendo "útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para educar na justiça" (2Tm 3,16).

*Ludovico Garmus*
Instituto Teológico Franciscano
Caixa Postal 90961
25621-970 Petrópolis

## Bibliografia

KITTEL, Gerhard – FRIEDRICH, Gerhard (orgs.). Paideuo, Paidéia. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. IX, 105-190.

CRENSCHAW, James L. Book of Proverbs. *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 5. New York: Doubleday, 1992, p. 513-520.

LEMAIRE, André. Education – Ancient Israel. *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2. New York: Doubleday 1992, p. 305-312.

WRIGHT, C. J. H. Family. *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2. New York: Doubleday, 1992, p. 761-769.

LARRANGA, J. A. G. Educazione. *Enciclopedia della Bibbia*, vol. 2. Torino: Elle Di Ci, 1969, p. 129-1137.

GANCHO, G. Famiglia. *Enciclopedia della Bibbia*, vol. 3, 1970, p. 248-254.

BURKHARDT, H. – GRÜNZWEIG, F. Famiglia, Communità famigliare. *Grande Enciclopedia ilustrata della Bibbia*, vol. 1. Casale Monferrato: Piemme, 12997, 527-529.

De VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Teológica, 2003, p. 41-86.

LÍNDEZ, José Vílchez. *Sabedoria e sábios em Israel*. Col. Bíblica Loyola, 25. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BARUCQ, A. et alii. *Escritos do Oriente Antigo e fontes bíblicas*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Loyola, 1975, p. 233-242.